



Versões Rituais Telejornalísticas¹

Renata Marcelle Lara PIMENTEL²
Centro Universitário de Maringá, Maringá, PR

RESUMO

Este estudo investiga o telejornal como um ritual de linguagem sujeito a falhas (rupturas da ordem ideológica), na perspectiva da Análise de Discurso francesa, defendendo a tese de que as versões telejornalísticas se produzem na conjunção entre verbal e visual, e, nesse mesmo imbricamento, se sustenta e se desestabiliza “o verdadeiro do telejornalismo” (efeito notícia) pela imposição da resistência da especificidade material.

PALAVRAS-CHAVE: versão; ritual; telejornalismo; análise de discurso.

Introdução

As possibilidades de relações entre campos e áreas do conhecimento se ampliam no cenário acadêmico da atualidade. Determinadas confluências teórico-metodológicas permitem interrogar pré-construídos que formam as bases de sustentação desses saberes institucionais(lizados). Outras, contudo, acabam por reforçar o efeito de evidência produzido nesses/por esses campos e áreas ou mesmo fazem suscitar novos efeitos.

O interesse por compreender discursividades em circulação nos contextos comunicacionais põe em cena uma diversidade de perspectivas teóricas que se cruzam, se enfrentam ou se *des*-combinam. Nesse meio se inscrevem tanto correntes da tradição francesa quanto anglo-americana. Como já apontava Pinto (1999, p. 9) no final da década de 1990, reunir essa diversidade de perspectivas que se põe a teorizar o discurso é “uma síntese difícil”. Em meio a isso, uma das dificuldades também mencionadas pelo autor – que vejo como central – é o próprio entendimento do que seja discurso.

Discutir e realizar Análise de Discurso requer, antes, delimitar e marcar uma especificidade teórico-analítica. Este artigo, resultado de um gesto de compreensão advindo dos estudos realizados em minha tese de doutorado³, se fundamenta na Análise

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Lingüística. Professora do Curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda) do CESUMAR, email: renatamlara@yahoo.com.br.

³ PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. **Versões de um ritual de linguagem telejornalístico**. 2008. 368 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.



de Discurso (AD) de linha francesa, fundada pelo filósofo Michel Pêcheux, na década de 1960, na França. Como teoria e metodologia, a AD se difundiu pelo Brasil a partir, centralmente, dos estudos da lingüista Eni Orlandi, que também deu continuidade às teorizações discursivas, sob influência de Pêcheux, com a morte desse filósofo em 1983.

Na perspectiva pecheutiana, o discurso, objeto de estudo da AD, significa “efeito de sentidos” (PÊCHEUX, 1997a, p. 82) entre sujeitos, e se difere da noção de mensagem, esta objeto de estudo comunicacional, cujo enfoque é no conteúdo. Segundo Henry (1997, p. 26), não que a linguagem, para Pêcheux, não sirva para comunicar, mas que “este aspecto é somente a parte emersa do iceberg”. A ideologia, na abordagem discursiva pecheutiana, não é ocultação, mas o que torna evidente aquilo que não é, produzindo efeito de obviedade.

O objeto de investigação desta pesquisa, que se constitui na confluência entre a Análise de Discurso francesa e a Comunicação, é a composição entre verbal e visual, no telejornalismo, na sustentação do efeito notícia. Considera-se a notícia como pré-construído da instituição jornalística, transposta e re-configurada no telejornalismo, que se mantém e se propaga com eficácia no imaginário social calcada na ilusória idéia de que os fatos são meramente transportados, via mídia, ao telespectador.

Pêcheux (1997b, p. 29) explicita que “não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra”. Dessa forma, para a Análise de Discurso o que o telejornalismo põe em circulação são versões. Como entende Orlandi (2001, p. 84), se não existisse a variação não seria necessária a formulação. Esta é, assim, “um gesto que se con-firma (con-figura, con-forma) no meio da variação: o sentido sempre poderia ser outro. Mas não é”.

O telejornal é explorado, neste estudo, como um ritual de linguagem. Na compreensão pecheutiana, todo ritual é um ritual de linguagem e está sujeito a *falhar*. Falha não no sentido de erro, mas de bloqueio da ordem ideológica. Pêcheux (1997c, p. 300-301, grifos do autor) afirma que “ ‘o sentido’ é produzido no ‘non-sens’ pelo deslizamento sem origem do significante”, instaurando-se o “primado da metáfora sobre o sentido”. Mas “*esse deslizamento não desaparece sem deixar traços* no sujeito-ego da ‘forma-sujeito’ ideológica, identificada com a evidência de um sentido”. É por isso que “aprender até seu limite máximo a interpelação ideológica como *ritual* supõe reconhecer que não há ritual sem falhas”.

A tese que defendo é a de que as versões, no ritual de linguagem telejornalístico, se produzem na conjunção entre verbal e visual, e, nesse mesmo imbricamento, se



sustenta e se desestabiliza “o verdadeiro do telejornalismo” (efeito notícia) pela imposição da resistência da especificidade material. Na condição de produto telejornalístico, figura a ilusória correspondência entre notícia e realidade, como se a realidade noticiada existisse independente do sujeito de linguagem. Mas é nesse mesmo encontro do verbal com a imagem, ponto de sustentação da novidade telejornalística, que se dá, pela irrupção da falha, constitutiva da língua, a desestabilização do efeito notícia. Objetivo, justamente, compreender como a conjunção entre verbal e visual, ao mesmo tempo em que leva à produção desse efeito, configura-se como o ponto de sua desestabilização.

Metodologicamente, este estudo se diferencia de perspectivas teóricas mais usuais no campo comunicacional para estudo da imagem, como é o caso da Semiótica, por explorar a imagem em sua discursividade própria e não mediante uma tradução verbal. Nos próprios domínios discursivos, explora a construção de uma metodologia capaz de observar a imagem, em sua discursividade própria, nesse encontro constitutivo com o verbal na compreensão da materialidade específica do telejornal que não é verbal e visual, mas verbal-visual ao mesmo tempo, constitutivamente.

Explorações Teórico-Metodológicas à Análise

Este estudo compreende que o percurso analítico se faz “nos limites moventes e tensos entre paráfrase e polissemia, os dois eixos que sustentam o funcionamento da linguagem e que constituem o movimento contínuo da significação entre a repetição e a diferença”, tal como entende Orlandi (2001, p. 20).

Por mais que se fale sobre o mesmo assunto em telejornais distintos, o sentido se faz a cada gesto de interpretação do sujeito, por sua inscrição no simbólico. E é justamente porque a língua é incompleta, não fechando os sentidos e não se fechando aos sentidos, que o processo de significação se faz regido, administrado. Há uma injunção à interpretação. Orlandi (2001, p. 22) explica que “é pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá”.

As diferentes construções textuais, abordadas por Orlandi (1996, p. 119), não se reduzem a diferenças de informações, mas resultam de “efeitos de sentido”, já que se trata de discurso e essa é a definição de Pêcheux para discurso, como abordado. Desta



forma, não reduzir o discurso a informação evita, segundo Orlandi (1996, p. 120), “certa simplificação que é reducionista frente a natureza e ao funcionamento da linguagem”.

Todo dizer é uma versão entre outras possíveis, pois os sentidos e os sujeitos se constituem ao mesmo tempo. Esse é o trabalho da variação, tal como entende Orlandi (2001). Como o dizer é sempre uma versão, não há fatos significando existência autônoma de sentidos, fora das relações de linguagem. Tal compreensão me levou a um primeiro deslocamento quanto a um dos pré-construídos do telejornalismo. O que há são versões – dizeres que podem ser esses e outros, dessas e de outras formas, apesar do efeito de evidência factual. O plural, portanto, não é repetição do mesmo multiplicado, mas “a distância constitutiva de toda formulação, deslocamento que impede a repetição estrita, exata”, esclarece Orlandi (2001, p. 95).

Busco construir um dispositivo de interpretação, quer seja, a “escuta discursiva”, a qual se refere Orlandi (2000, p. 60), como o mecanismo capaz de “explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos”. A importância do dispositivo está em considerar a opacidade da língua, já que trabalhar a sua materialidade, isto é, não separar estrutura do acontecimento, implica compreender sua forma material como “forma encarnada no mundo para significar” – palavras de Orlandi (2004, p. 25). Daí a necessidade de se trabalhar o dispositivo analítico na relação com o dispositivo teórico, orientando e reorientando o percurso num ir e vir à teoria.

A Composição Verbal-Visual e o Efeito Notícia

Na configuração do corpus de análise, composto, neste artigo, a partir de três telejornais de comunicação de massa⁴, em tv comercial aberta, estabelece-se, como procedimento analítico, um jogo parafrástico nos telejornais e entre telejornais, de modo a discutir a sustentação do efeito notícia. Como dito, tal efeito se sustenta no encontro

⁴ No doutorado foram investigados quatro telejornais. Por uma questão de delimitação foram focalizados três neste texto. Também porque o Jornal da Band, ausente neste trabalho, apresentou uma característica diferenciada em relação aos demais e que necessitaria de mais espaço para ser apresentado e discutido. Neste artigo, por uma necessidade de restrição quantitativa, focalizo apenas um pequeno recorte de uma das textualizações trabalhadas na temática da pesquisa que realizei no doutorado. Para conhecimento, no conjunto total dos materiais analisados cada grupo, posto internamente em relações de paráfrase, foi confrontado aos outros conjuntos dos demais telejornais, expondo os mecanismos que levam, no funcionamento ritual, à configuração de versões pela conjunção do verbal com o visual. Em meio a isso, e para além disso, a compreensão da falha nessa imbricação material, constitutiva da língua(gem), amplia a possibilidade de se pensar a circulação do discurso telejornalístico na sociedade atual.



entre as materialidades verbal e visual, levando à produção de versões, as mesmas ou outras, por um trabalho técnico-ideológico de contenção de determinados sentidos ao se dar visibilidade a outros.

Parto da temática do *corpus* (delimitação do material para análise) sobre a construção da(s) imagem(ns) do Governo Lula, no sentido de delimitar o *corpus* de análise. Ressalto que este estudo não tematiza a construção de imagem(ns) do governo Lula, mas por meio de tal recorte no ritual de linguagem telejornalístico investigo este funcionamento ritual(izado), de modo a observar, nas/pelas falhas constitutivas dessa conjunção material irrompendo na tensa relação entre unidade/coesão e incompletude/dispersão, o efeito notícia se des-estabilizando.

Quanto às notícias⁵ que compõem o trajeto temático investigado no doutorado, a principal delas, em torno da qual giram as demais, também analisadas, na possibilidade de se pensar nesse trajeto temático em torno da(s) imagem(ns) do governo Lula, diz respeito à presença do presidente brasileiro, na Venezuela, a convite do presidente venezuelano, para inauguração da II Ponte sobre o Rio Orinoco, em 13 de novembro de 2006. Na época, Hugo Chávez encontrava-se em período de campanha à sua terceira eleição consecutiva e Lula havia sido reeleito, no Brasil, na última eleição presidencial, de outubro de 2006. Essa era a primeira viagem internacional de Lula pós-reeleição.

Nos telejornais foi se construindo uma discursividade sobre a relação Lula-Chávez, sustentada na necessidade de polemizar tal relação, mediante tentativa de negativizar a imagem de Lula por um trabalho de negativização da imagem-Chávez. Ao se explorar indícios de campanha eleitoral a favor de Chávez no cenário de inauguração da ponte, no qual Lula se inscreveu, mesmo demarcando-se as diferenças eleitorais entre Venezuela e Brasil, o efeito noticioso foi negar Lula na negação de Chávez.

Os trechos apresentados neste artigo, que estavam em funcionamento no Jornal Nacional, SBT Brasil e Jornal da Record, focalizam, jornalisticamente, esse evento de inauguração da ponte. Embora na minha tese eu tenha explorado o movimento parafrástico, num mesmo telejornal e entre telejornais (incluindo o Jornal da Band), considerando a escalada (manchetes), as passagens de bloco (chamadas para os blocos seguintes), as cabeças (aberturas de notas e de reportagens), a notas (textos narrados pelo apresentador podendo ser ou não cobertos com imagens do evento) e as

⁵ Todos os *frames* apresentados neste artigo são recortes de imagens veiculadas nos referidos telejornais, gravados, diretamente, no momento de sua circulação em rede nacional, por uma empresa de *clipping* audiovisual.

reportagens (textualizações dos repórteres), a presente seleção diz respeito apenas a alguns trechos de reportagens. A proposta é mostrar como, ao se conjugar certas imagens a dadas verbalizações se constroem determinadas versões de um acontecimento, e como estas são apresentadas pelos telejornais como se fossem “fatos que falam por si”.

Parto dos seguintes recortes veiculados na reportagem do Jornal Nacional:

Off1 - JN: “A ponte, de 3 km, vai permitir em minutos uma travessia que podia levar até um dia inteiro, pelas filas que se formavam nesse sistema de balsas. Mas chegar até o novo caminho hoje, também não foi fácil. O trânsito parou. Até parte da comitiva brasileira teve que botar o pé na estrada, no meio da multidão de chavistas. O governador eleito de Pernambuco sentiu o esforço. Blairo Maggi, reeleito em Mato Grosso, criticou a organização e o aberto uso eleitoral da cerimônia a favor de Hugo Chávez, que disputa a reeleição em três semanas”.

Off2 – JN: “No meio do empurra-empurra, o presidente Lula falou sobre sua presença aqui, no auge de uma campanha eleitoral. Disse que não pôde vir durante a própria campanha, porque a legislação eleitoral brasileira proibia; o que atrasou a própria abertura da ponte, que já estava pronta há quatro meses. Em seu discurso, o presidente Lula criticou duramente a imprensa. Disse que se identifica com Chávez por ser vítima de preconceito.”

A afirmação “multidão de chavistas”, expressa oralmente no *off1*, se materializa na imagem conjugada ao *off2*, logo depois da passagem do repórter, já como expressão de “empurra-empurra”, sinalizando tumulto. O trecho “no meio do empurra-empurra” aparece conjugado às imagens seguintes:

Recorte de *frames* de imagens do Jornal Nacional



Nas imagens observadas, Lula não exprime incômodo quanto ao assédio popular ou midiático, exibindo sorriso. As cenas são curtas, rápidas e provavelmente obtidas com a câmara em movimento. É provável que as imagens tenham sido captadas sem apoio de tripé para a câmara, em meio a várias pessoas agrupadas, disputando um espaço ao lado de Chávez e Lula.

O resultado são imagens trêmulas, desfocadas, e que, conjugadas ao *off*, na explicitação “no meio do empurra-empurra”, conduzem à interpretação desse cenário como tumulto. Ou seja, os sentidos advindos dessa dada construção interpretativa conduzem à leitura do acontecimento não como identificação popular quanto a Chávez, mas como desordem no e do campo político, embora também, como efeito, busquem justificar as imagens trêmulas.

Ao afirmar que “o presidente Lula falou sobre sua presença aqui, no auge de uma campanha eleitoral”, as imagens veiculadas são de Lula em entrevista concedida à imprensa. Estas, contudo, aparecem igualmente trêmulas e com *frames* escuros e desfocados, tecnicamente com deficiência de enquadramento, reforçando a idéia de “empurra-empurra”, principalmente se considerar-se o quanto a Globo prima por (sustentar) tal “padrão Globo de qualidade”, corroborando seu alto índice de audiência.

Recorte de *frames* de imagens da entrevista do presidente Lula veiculadas no JN



No trecho seguinte de continuidade do *off*², em que o repórter parafraseia o presidente brasileiro – “Disse que não pôde vir durante a própria campanha, porque a legislação eleitoral brasileira proíbia; o que atrasou a própria abertura da ponte, que já estava pronta há quatro meses” –, as imagens de Lula, concedendo entrevista, continuam trêmulas, desfocadas e rápidas.

O reforço da idéia de tumulto, dificultando a gravação da entrevista, pode servir, jornalisticamente, para justificar a ausência da inserção da sonora propriamente dita, ou seja, com a exibição direta do áudio vinculado à imagem. Ao mesmo tempo, a



sobreposição do áudio⁶ da sonora pelo *off* faz com que o dizer de Lula só signifique no e pelo dizer do repórter.

O conteúdo do *off* associado à imagem da sonora, em procedimento de mixagem, faz com que o dizer de Lula signifique pela paráfrase do repórter, resultando numa re-configuração daquele momento discursivo. Assim, a re-inscrição do dizer na imagem presidente Lula, conjugada a outras interpretações do repórter e construídas sem indicação de referência ao discurso de Lula, mantêm em funcionamento a crítica à relação Lula/Chávez. Pelo efeito de assunção autoral indireta de “culpabilidade”, atribuída a Lula, pela paráfrase jornalística de seu discurso, o repórter sustenta a imagem de um Lula-populista⁷.

Na paráfrase em que o repórter diz “Em seu discurso, o presidente Lula criticou duramente a imprensa. Disse que se identifica com Chávez por ser vítima de preconceito”, a sobreposição da voz de Lula por esse *off* impossibilita entender o que, exatamente, o presidente fala naquele momento.

Tal sobreposição somada à referência do repórter quanto a Lula ter dito “que se identifica com Chávez por ser vítima de preconceito”, além dos motivos apresentados quanto à demora na abertura da ponte, conduzem a uma invalidação do dizer de Lula, produzindo um efeito de revelação de algo escondido.

Mais especificamente quanto às formações imaginárias⁸, a associação, no Jornal Nacional, dos dois *offs* iniciais, intercalados por uma sonora do governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, vai produzindo um mecanismo de antecipação⁹ da produção de uma imagem de Lula capaz de silenciar a imagem que Lula faz dele mesmo, de Chávez, e de setores da imprensa, no seu discurso.

Toda a construção dos *offs* do Jornal Nacional e seu encadeamento às outras partes da reportagem, jogando com diferentes imagens (visualizáveis ou como funcionamentos imaginários) buscam sustentar a notícia na idéia de desordem política. “Empurra-empurra”; presidente participando de um cenário de campanha eleitoral a três

⁶ Específico áudio de sonora considerando que, numa entrevista, o termo sonora se refere tanto ao verbal quanto à imagem.

⁷ Tal afirmação se sustenta mediante a observação de regularidades discursivas funcionando em diversos momentos da textualização. Por uma questão de limitação de espaço, não é possível explicitar todo o percurso.

⁸ São as imagens, resultantes de projeções, que significam no discurso e não meramente os sujeitos físicos e seus lugares empíricos. É esse movimento que permite ao sujeito falar de um dado lugar social sem que haja, necessariamente, correspondência à sua posição no discurso (ORLANDI, 2000).

⁹ O mecanismo de antecipação “regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte”. (ORLANDI, 2000, p. 39).



semanas das eleições; o que no Brasil seria considerado crime. O atraso na abertura da ponte para atender a interesses eleitorais, estando Lula diretamente envolvido. Além disso, ser “vítima de preconceito” é uma condição falseada na própria exposição noticiosa, apresentada como “revelação de fatos”, quando a negativização da imagem de Lula destitui a sua crítica de uma base de sustentação.

Estabelecendo relações parafrásticas, nos materiais analisados, entre as entrevistas concedidas pelo presidente Lula à imprensa, no local do evento, observa-se, no SBT Brasil e no Jornal da Record, a presença do áudio possivelmente sobreposto pelo *off* do repórter no Jornal Nacional.

Tomo os trechos abaixo, do SBT e da Record numa relação *interparafrástica*:

Off1 SBT Brasil: “Lula e Chávez desfilaram juntos em carro aberto, e foram recebidos com festa em Ciudad Guayana. Descontraídos, os dois andaram à vontade no meio da multidão. Durante o percurso, Lula colocou um capacete de obra em Chávez. E a vinte dias das eleições venezuelanas, não escondeu a preferência pelo companheiro.”

Trecho da sonora de Lula veiculado no SBT Brasil: “Não é segredo pra ninguém da minha relação, do carinho e da admiração que eu tenho pelo presidente Chávez.”

Off3 Jornal da Record: “Lula cruzou a ponte em carro aberto ao lado de Chávez. O presidente brasileiro disse que a ponte é importante para o Mercosul, e admitiu que gostaria de ver Chávez reeleito.”

Trecho da sonora de Lula veiculada no Jornal da Record: “Obviamente que eu respeito o ... a democracia interna de cada país, mas não é segredo pra ninguém da minha relação, do carinho e da admiração que eu tenho pelo presidente Chávez.”

Enquanto no SBT Brasil o trecho de *off* que precede a inserção da sonora de Lula verbaliza que o presidente “não escondeu a preferência pelo companheiro”, no Jornal da Record o trecho de *off* antecedente à sonora diz que ele “admitiu que gostaria de ver Chávez reeleito”.

“Não escondeu” caracteriza uma assunção pública. Ao se estender para “E a vinte dias das eleições venezuelanas, não escondeu a preferência pelo companheiro”, no contexto em que tal formulação se dá, associada a cruzamento da ponte (obra pública) em carro aberto ao lado do candidato à reeleição, entre outras marcas ao longo da matéria, caracteriza uso eleitoral. “Admitiu”, no Jornal da Record, aparece como confissão, revelação pública. No trecho em que está se relaciona com “cruzou a ponte em carro aberto ao lado de Chávez”; o que também caracterizaria, no Brasil, aberto uso eleitoral. “Não esconder” ou “admitir” só se diferem quanto ao impacto da



noticiabilidade; no primeiro caso, menos revelador do que no segundo. Discursivamente, sustentam a mesma crítica.

A onipotência do dizer funciona sustentada no “mito da sociedade da comunicação”. Por assim ser, “esse querer, além de não ter limites, pode nascer ali mesmo, espontaneamente, do nada, sem nenhuma relação com o que já foi dito, vivido, experimentado, ou virá a ser”, pois “não tem memória nem porvir”. Essa sociedade democrática, “precisa da idéia de comunicabilidade, expressão e criatividade, expressão de uma individualidade livre de qualquer injunção (até mesmo a da língua)” (ORLANDI, 2004, p. 40).

No discurso telejornalístico, a relação entre Lula e Chávez não pode ser vista como natural, como busca re-afirmar o presidente, porque é justamente o incômodo por ela gerado que possibilita a notícia. Para sustentar a crítica ao uso eleitoral, posta, jornalisticamente, como a novidade, o repórter vai conjugando elementos capazes de validá-la.

Retorna, na formulação de Lula, a cobrança midiática quanto ao des-respeito à democracia, posto em questionamento na interpretação jornalística. Contudo, não se permite interrogar, na formulação da própria mídia, que democracia é essa e como ela está sendo entendida no contexto telejornalístico. Qual é o lugar da esquerda e, mais especificamente, do socialismo nessa democracia, se há lugar para eles nessa democracia sobre a qual se fala ou ainda da qual se cobra uma “postura ética”. A naturalização dos sentidos de democracia não leva a outras possibilidades de visualização do governo Lula, e de Lula, fora dos domínios de um populismo.

A conjunção “mas”, presente no áudio da sonora de Lula veiculada no Jornal da Record, faz advir sentidos de democracia e da relação Lula/Chávez apagados e silenciados na textualização jornalística. Para além das leis que regulam o período eleitoral, democracia tem a ver, na textualização de Lula, com a possibilidade de se comungar ideias e ideais construídos numa trajetória político-histórica que o aproxima de Chávez. Nesse sentido, a narrativa telejornalística construída na revelação, na assunção ou desmascaramento de uma suposta ação populista, eleitoreira, se dissolve no discurso de Lula. Para ele, a sua relação com Chávez não se constrói para esse cenário eleitoral, mas existe anterior a ele, e com bases mais sólidas do que a efemeridade de uma campanha eleitoral.

Além disso, “Obviamente”, na inscrição da língua na história, responde à cobrança, por parte dos jornalistas, e com base na legislação brasileira, pelo

cumprimento da lei. O adiamento da ida de Lula à Venezuela teria se dado, justamente, pela impossibilidade legal impetrada pela legislação brasileira, quando em época de campanha para a sua reeleição no Brasil. Também responde ao adiamento da inauguração da ponte (esta pronta há meses, como explicitado na reportagem do JN), devido a tal impossibilidade; o que, legalmente, estaria dentro da legislação venezuelana.

Se não há infração legal, e se não há abuso da legalidade, já que o apoio de Lula a Chávez ultrapassa e antecede os limites de um apoio político público, não há como sustentar a idéia de desrespeito à democracia ou ações populistas, baseado em legislação. Mesmo porque, a eficácia do populismo dependeria de um respaldo popular. O popular também se constrói, na relação com Lula e Chávez, para além desse cenário eleitoral, mas numa longa trajetória de luta popular pelo reconhecimento do povo na escrita da história.

Em relações parafrásticas, as conjunções materiais apresentadas no JN e no SBT Brasil produzem um efeito de contradições interpretativas, sem que, contudo, seja constatado erro de informação, sob o ponto de vista jornalístico, em ambos os telejornais. Enquanto em um se explicita, verbalmente “tumulto”, mesmo que nas imagens se focalize uma pessoa sorridente, assim como Lula, no outro, expõe-se uma situação de descontração e festa, sustentada tanto num determinado trecho verbal quanto na imagem a ele conjugada. Discursivamente, contudo, ambas sustentam e denunciam clima eleitoral. Mantém-se a crítica e a negativização de Lula e de seu governo pela associação a Chávez e ao que ele significa sob o ponto de vista da imprensa brasileira, ao se fazer retornar uma memória fixada sobre socialismo-comunismo.

Relações parafrásticas entre *frames* do Jornal Nacional e do SBT Brasil

Recorte de *frames* do Jornal Nacional





Recorte de *frames* do SBT Brasil



A parte inicial do *off* seguinte à sonora de Lula, no SBT Brasil, apresenta-se como uma paráfrase jornalística de parte do pronunciamento do presidente brasileiro: “Lula voltou a atacar as elites e a imprensa, e se disse vítima de perseguição, como o próprio Chávez”. A continuidade deste *off* inscreve uma explícita interpretação jornalística, seguida, também, de uma paráfrase realizada pelo repórter, mas, agora, da resposta do presidente Chávez a uma pergunta feita pelo jornalista: “Apesar do evidente clima eleitoral, Chávez negou que estivesse em campanha”.

O jogo parafrástico estabelecido entre as imagens das sonoras veiculadas pelos telejornais e os áudios explicitados ou mesmo aqueles sobrepostos foi apontando para uma mesma concessão de entrevista simultaneamente à sua captação; uma mesma textualização do sujeito Lula sendo registrada pelas emissoras, ao mesmo tempo.

Recorte de *frames* de entrevista de Lula no Jornal Nacional



Recorte de *frames* da sonora de Lula no Jornal da Record



Recorte de *frames* da sonora se Lula no SBT Brasil



Entre os telejornais, a diferença é produzida pelo processo de edição, em que se recortam trechos dessa entrevista para ser veiculados. Especificamente quanto às imagens, o que se modifica são os ângulos, o enquadramento e a nitidez, resultantes do trabalho do cinegrafista naquele dado momento de construção jornalística; quanto ao oral, as conjunções entre a sonora e o que se diz antes e depois desta, no caso do SBT e da Record, e entre a paráfrase da sonora e o que a precede ou a segue.

Na imagem da sonora exibida pelo SBT Brasil é possível ver o repórter da Record no momento em que está gravando a entrevista. Na sonora veiculada pela Record, o repórter desta emissora não aparece, mas o seu braço é captado na cena. Trata-se do mesmo momento de registro da sonora pelas emissoras, com

enquadramentos diferentes. Visualizam-se os mesmos sujeitos que aparecem perto de Lula, em todos os telejornais analisados que veiculam imagens da sonora do presidente.

Tais relações parafrásticas foram mostrando que as imagens trêmulas, rápidas e desfocadas veiculadas pelo JN, associadas a um trecho do *off*² que se refere a “no meio do empurra-empurra”, foram possivelmente captadas no mesmo momento de concessão de entrevista, embora não necessariamente no mesmo instante, em que as emissoras Record e SBT fizeram o seu registro¹⁰.

Confrontando as imagens na descrição dos *frames*, partes do cenário e o movimento de Lula sinalizam que as imagens veiculadas no JN correspondem, possivelmente, ao final da entrevista. O movimento de saída em que Lula sinaliza o término de sua fala, e, por sua vez, as equipes (cinegrafistas e repórteres) buscando acompanhá-lo (*frames* não apresentados aqui), poderia ter contribuído para o registro de imagens trêmulas e escuras no JN. Nos outros três telejornais, observa-se que Lula está parado, na hora da concessão da entrevista, no mesmo cenário.

Nos telejornais da Record e do SBT, as cenas da sonora de Lula não aparecem trêmulas, distorcidas ou escuras além do normal, tampouco com problemas técnicos de enquadramento comprometedores no que se refere à focalização da imagem. Além disso, não há referência oral, nesses outros telejornais, nem em *off* anterior, nem em qualquer outro *off* ou materialidade posterior, a “empurra-empurra” ou “tumulto”. Na verbalização, no SBT Brasil, a palavra “multidão” não aparece associada a “empurra-empurra”, mas a festa e descontração. No entanto, pela conjunção entre oralidade e imagem, tal idéia continua em funcionamento na sustentação da crítica jornalística. A “recepção festiva” e a “descontração”, que leva a “andar à vontade em meio à multidão”, caracterizam, nesse cenário, uso eleitoral.

Considerações

O percurso analítico leva a compreender que a partir do mesmo evento jornalístico, na combinação entre verbal e imagem, é possível construir textualizações, as mesmas ou outras, levando-se a diferentes ou iguais versões. Embora as versões possam ser outras, focalizando-se um ou outro componente do evento, discursivamente

¹⁰ No caso do Jornal da Band, também analisado, mas não focalizado neste artigo, há uma possibilidade de identificação do microfone da Band nas imagens da sonora veiculadas pela própria emissora.



se podem sustentar os mesmos sentidos, assim como em versões aparentemente iguais é possível que funcionamentos discursivos diferentes levem a outros sentidos.

Isso aponta que as notícias são uma entre outras construções possíveis no retrato de realidades, ao passo que, discursivamente, o real “é o impossível... que seja de outro modo” (PÊCHEUX, 1997b, p. 29). Assim, ao mesmo tempo em que é no imbricamento verbal-visual que o efeito notícia se estrutura é nesse mesmo encontro que se abrem falhas capazes de apontar para a sua desestabilização. Em outras palavras, a notícia, no telejornalismo, se sustenta e se desestabiliza nessa mesma conjunção. É ao se observar a especificidade material do discurso da imagem e do verbal e sua conjugação para se constituir a especificidade verbal-visual (ao mesmo tempo) dos telejornais que irrompem bloqueios nessa ordem ideológica de produção e instauração de verdades telejornalísticas como se fossem meros retratos de uma realidade já-lá, independentemente.

REFERÊNCIAS

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997a.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997b.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997c.

PINTO, M. J. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker, 1999.